# **O SENTIDO DAS COISAS**
## POR UM REALISMO FENOMENOLÓGICO

Coleção **Mundo da Vida**

**Coordenação:** Márcio L. Fernandes

- *Edmund Husserl: pensar Deus, crer em Deus*, Angela Ales Bello
- *Filosofia do cuidado*, Luigina Mortari
- *O sentido das coisas*, Angela Ales Bello
- *O sentido do sagrado*, Angela Ales Bello

Angela Ales Bello

# O SENTIDO DAS COISAS
## POR UM REALISMO FENOMENOLÓGICO

PAULUS

Título original: *Il Senso delle cose: per um realismo fenomenologico*
© 2013 by Lit Edizioni
Originally published by Castelvecchi

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Editoração, impressão e acabamento: PAULUS
Tradução: *José J. Queiroz*
Revisão: *Márcio Luiz Fernandes*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)**

Ales Bello, Angela
O sentido das coisas: por um realismo fenomenológico / Angela Ales Bello; tradução de José J. Queiroz. – São Paulo: Paulus, 2019.

ISBN 978-85-349-4796-1
Título original: *Il senso delle cose: per um realismo fenomenologico*

1. Filosofia 2. Fenomenologia 3. Realismo 4. Idealismo
I. Título II. Queiroz, José J. III. Série

19-0331

CDD 100
CDU 1

**Índices para catálogo sistemático:**
1. Filosofia

**Seja um leitor preferencial PAULUS.**
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções: **paulus.com.br/cadastro**
Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 16 40 11**

1ª Edição, 2019

© PAULUS – 2019

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4796-1

# APRESENTAÇÃO

A coleção de estudos fenomenológicos "Mundo da vida" foi iniciada a partir do livro 'Edmund Husserl: pensar Deus, crer em Deus'. Este novo volume da coleção é dedicado ao sentido dos fenômenos das coisas das quais nos ocupamos e, assim, partindo do sujeito que se interroga sobre a realidade e deseja conhecê-la, propõe-se uma reflexão que está atenta a descrição das estruturas da realidade nas suas variadas estratificações. A filósofa Angela Ales Bello nos convida a acompanhar a reflexão de Husserl que coloca a fenomenologia sobre o plano transcendental para construir um realismo capaz de enfrentar as objeções colocadas no âmbito da teoria do conhecimento tanto por parte de um realismo ingênuo, pelo idealismo e pelo ceticismo.

Ora, a entrada em cena deste tipo de análise por parte do ser humano a respeito do sentido das coisas leva em consideração os aspectos hiléticos, antropológicos e metafísicos. A característica fundamental da análise das vivências proposta por Husserl é original porque coloca em evidência o duplo movimento entre o momento noético intencional e o momento hilético na sua correspondente relação com o corpo vivente que é a esfera mais evidente do ser humano e da qual parte toda a análise. A reflexão sobre a estrutura tripartida em corpo, psique e espírito foi objeto de atenção de todos os filósofos na tradição, contudo, a novidade da fenomenologia foi o de mostrar como se pode justificar esta estrutura a partir da análise das vivências. Neste particular, Ales Bello indica que o retorno às fontes da pesquisa fenomenológica permitiria não somente compreender o que representa esta nova

escola filosófica, mas revela a estreita relação de Husserl e seus discípulos na elaboração das bases teóricas para as pesquisas qualitativas e, em particular, para a psicologia.

A descrição proposta por Husserl caracteriza-se por três momentos fundamentais: é um procedimento, em primeiro lugar, de caráter reflexivo no qual emerge a intuição que, em seguida, visa compreender o significado das coisas e, por fim, reconstruir a experiência vivida e recusar dar uma interpretação pré-concebida dos fatos. Neste horizonte, então, manifesta-se a dupla direção desta descrição: de um lado as investigações das vivências dos sujeitos, a questão da interioridade e, por outro, a análise das concepções de mundo partindo das dimensões intersubjetivas. E assim, vemos que a relação entre a psicologia e a fenomenologia não está restrita apenas ao reconhecimento da esfera da subjetividade e do fluir das vivências do ser humano, antes, tal relação representa a descoberta da extraordinária correspondência entre o território da dimensão psíquica do ser humano e o universo da consciência transcendental elaborado por Husserl com suas preocupações com o mundo da vida como mundo das coisas e como ambiente cultural.

Neste sentido, a contribuição de Ales Bello aos estudos fenomenológicos refere-se, em primeiro lugar, à minuciosa descrição sobre a forma de proceder do método husserliano a fim de captar as coisas mesmas e, em segundo lugar, à explicitação da originalidade do conceito de vivência proposto por Husserl e dos atos característicos da interioridade humana que permitem um conhecimento qualitativo a respeito dos estados psíquicos. É verdade que, em termos gerais, é notável a competência acadêmica\intelectual e o rigor filosófico derivado de suas reflexões, mas será necessário reconhecer, a capacidade de trabalhar no espírito da escola fenomenológica e indicar o estilo e o método para uma análise em profundidade sobre como será possível

apreender o sentido das coisas. Ales Bello propõe, desse modo, que a perspectiva nova de Husserl no horizonte da história da filosofia é a sua capacidade de voltar a examinar a relação entre o ser humano e a realidade mostrando a gênese desta operação e, por conseguinte, o papel do sujeito humano na descoberta de um mundo de evidências originárias que acompanha a sua vida e o respectivo método a percorrer para entender como se pode conhecer as coisas da natureza e da cultura.

Neste livro, Ales Bello demonstra como realizar uma investigação no estilo de Husserl. Trata-se de uma pesquisa fenomenológica em círculos concêntricos, onde cada tese ou tema representa um território novo que deve ser examinado voltando às fontes do próprio método seguindo as etapas de análise indicadas por Husserl. Esta publicação explorando o problema do sentido e do modo como conhecemos e organizamos o conjunto de coisas de nossa vida cotidiana constitui um exemplo de uma investigação em círculos concêntricos que inicia a partir do sujeito humano para compreender, em seguida, como se realiza nosso contato com o mundo das coisas da natureza e da cultura.

Márcio Luiz Fernandes

# PREFÁCIO

*Mas como estão as coisas com os outros "egos" que não são meras representações, ou objetos representados, unidades sintéticas que podem ser verificadas em mim, as quais, porém, pelo mesmo sentido que possuem, são propriamente "outras"? Fizemos injustiça ao realismo transcendental? Este poderia carecer de fundamentos fenomenológicos, mas, em linha de princípio teria razão enquanto procura um caminho que vai da imanência do "ego" à transcendência dos "outros".*

(E.). Husserl, *Meditações cartesianas,*
Quinta Meditação, §42).

Estas breves considerações querem ser um guia para a leitura das páginas que se seguem.

Para a compreensão da tese de fundo desta pesquisa pode-se começar do último capítulo, que possui uma dupla função: é simultaneamente conclusivo e programático. Nele, de fato, busca-se justificar o título do livro que corresponde ao argumento que se pretende investigar, mas também se reafirma e se esclarece a tese que se quer sustentar.

No âmbito do renovado interesse pelo realismo, que caracteriza o debate filosófico contemporâneo, sobretudo na Itália, pretende-se propor uma releitura da perspectiva fenomenológica, em especial, daquela de Edmund Husserl, colocando em discussão a sua própria definição relativa ao ponto de vista assumido por ele, a saber, o "idealismo transcendental".

A tese de fundo deste livro poderia, então, parecer paradoxal: o idealismo transcendental seria, na verdade, um realismo transcendental. De imediato surge a objeção: como transformar o idealismo em realismo, eis que as duas noções sempre foram contrapostas na história da filosofia ocidental? Na verdade, pergunta-se se esta contraposição seja válida.

Se nos detivermos no uso corrente dos dois termos, parece impossível escapar desta antinomia; mas se escavarmos mais fundo será possível notar que na sua base há muitos equívocos. Considero que o idealismo sustentado por Husserl tenha contribuído para mostrar que o "idealismo" se diz de muitos modos e o mesmo vale para o realismo. Ou, pelo menos, pode-se dizer que as áreas semânticas às quais os dois se referem não são sempre unívocas. Razão pela qual o modo de Husserl encarar o idealismo mantém algumas características que são tradicionalmente atribuídas ao "realismo", desde que não se esqueça do adjetivo que acompanha o idealismo por ele proposto, isto é, "transcendental", porque aí está a peculiaridade deste idealismo, que pode reverter-se em um novo modo de entender o realismo, o qual, por sua vez, deve vir acompanhado do adjetivo transcendental.

Sempre tenho sustentado esta tese interpretativa do pensamento husserliano. O livro representa, de fato, uma síntese das proposições sobre as quais tenho me debruçado nos anos mais recentes da minha busca histórico-teórica da fenomenologia. Desejo agora evidenciar os resultados aos quais cheguei relativamente ao tema indicado, em um clima filosófico no qual são indicadas as propostas de um retorno ao realismo, perguntando-me se não se trata, muitas vezes, de um realismo ingênuo ou dogmático.

Parece-me que a tomada de posição que caracteriza a fenomenologia de Husserl tenha uma peculiar força teorética e seja capaz de fornecer uma compreensão melhor, não só da relação

entre idealismo e realismo, mas de sugerir um caminho para uma compreensão cada vez mais clara do conhecimento humano em torno do "sentido das coisas" que é o objeto primário da investigação filosófica.

O convite à leitura das páginas que se seguem nasce da revisitação de uma abordagem nesta direção, abordagem nem sempre compreendida na sua intenção profunda, porque é muitas vezes complexa na sua formulação, o que demanda uma mudança de perspectiva, uma revolução como aquela realizada por Husserl na esteira da revolução copernicana de Kant, mas com resultados diferentes da que foi levada a termo por Kant.

Muitas vezes algumas propostas permanecem desconhecidas, sepultadas, ou mal compreendidas, penalizadas por estereótipos interpretativos. Não acredito que se trata de descobrir, mediante a análise do ponto de vista de Husserl, a verdade definitiva a respeito do sentido das coisas. Julgo, todavia, que o nosso objetivo cognitivo, mesmo para quem explicitamente o negue, esteja ligado à busca daquilo que é convincente, porque evidente e indubitável. Entretanto, se alguém nos "mostrar" um caminho de abordagem mediante o qual seja possível aproximar-se do "sentido das coisas", tal caminho deverá ser observado e avaliado.

Da leitura das análises husserlianas colho a impressão de nos encontrarmos diante de um *Wegweiser*, um sinalizador de caminho, que coloca em evidência aspectos de antemão ainda não considerados, ou somente em parte apontados e isso pode contribuir para a busca do sentido das coisas, busca esta confiada à comunidade dos filósofos, que podem dar uma contribuição "além do tempo e do espaço", parafraseando um desejo expresso por Edith Stein.

A finitude humana deve manter-nos longe da pretensão de absolutismo, mas isso não quer dizer que devamos dar ouvidos às sereias do niilismo, este também é uma forma de absolutismo.

Alguma coisa é possível compreender no longo e fadigoso caminho rumo à evidência e ao esclarecimento, que sempre permanecerão como metas ideais.

# INTRODUÇÃO

## Sobre a controvérsia idealismo / realismo

A contraposição entre idealismo e realismo na realidade delineia-se como um epifenômeno que deve ser desmascarado na sua pretensão de absolutismo e reconduzido àquilo que lhe é subjacente.

Trata-se, substancialmente, do modo de entender o papel do sujeito humano na realidade.

Na atitude natural o ser humano sente-se circunscrito, às vezes ameaçado pelo mundo que o rodeia, limitado nas suas ações e experimenta o contraste entre aquilo que desejaria fazer e a impossibilidade de realizá-lo, entre o que pode imaginar, e as coisas assim como se lhe apresentam. A realidade "externa", constituída pelas coisas, pelos outros, pelos acontecimentos não previsíveis, se lhe aparece com todo seu peso e dramaticidade. A pessoa sente-se "pequena" em um mundo "grande".

D'outro lado, acontece também outro tipo de experiência quando o ser humano se dá conta de ter sucesso, de conseguir realizar seus projetos, de poder conhecer a realidade, e então se exalta e pensa de ser autônomo, de poder dominar todas as coisas.

A atitude natural, porém, não pode ser aceita sem ir mais fundo; deve ser colocada entre parênteses se pretendermos testar sua validade. Não se trata de uma atitude "falsa", mas insufi-

ciente para captar "como estão as coisas". Isso não significa que seja possível mudar a condição humana; deve-se procurar a razão profunda que possa justificá-la.

As duas atitudes indicadas acima são psíquicas; isto é, se trata de duas "ressonâncias" interiores que são correlativas a dois momentos visíveis no cotidiano do ser humano e são também vivenciados coletivamente. Elas estão no âmago das duas tomadas de posição filosóficas que vêm indicadas pelos termos "realismo" e "idealismo".

Tinha razão Fichte quando escrevia que realismo e idealismo correspondem a duas modalidades de inclinação e de interesse[1]; Stein retoma essa posição sustentando que, exatamente por isso, Husserl não é idealista, porque o idealismo é uma tomada de posição acrítica[2].

Podemos, pois, nos perguntar por que então tantas lutas furiosas na história da filosofia, que envolveram pensadores famosos, e verdadeiramente famosos, se tudo pode ser reconduzido

---

[1] "Mas qual dos dois deve ser posto como primeiro? O eu ou a coisa? Para resolver a questão, a razão não pode fornecer nenhum critério decisivo; não se trata, de fato, de juntar um elemento em uma série, para a qual seriam suficientes os princípios da razão, mas se trata do início do início que, enquanto ato primeiro absoluto, depende unicamente da liberdade do pensamento. Este ato é, portanto, determinado pelo arbítrio, e, a partir do momento em que a decisão do arbítrio deve mesmo ter um motivo, este é determinado pela *inclinação* e pelo *interesse.* O motivo último da diferença entre o idealista e o dogmático é, portanto, a diversidade dos seus interesses". (J.G. Fitchte, *Eine Einleitung in die Wissenschaftlehre, Fichtes Werke, Dritter Band*, organizado por F. Medicus, Felix Meiner, Lipzig (s.d.) pp. 6-34; tradução italiana de A. Reale em *Antologia Filosófica,* vol. III, organizado por G. Reale. D.Antisseri, M. Baldini, vol.3, La Scuola, Brescia 1990, p.79.)

[2] "Ele mesmo sempre sublinhou, se ainda hoje o faria não sei dizer, porque não falo com ele há alguns anos, que a *fenomenologia não é e não desemboca no idealismo.* O idealismo, segundo a minha convicção é uma concepção fundamentalmente pessoal e metafísica, não o resultado de investigações fenomenológicas irrefutáveis" (E.Stein, *Was ist die Phänomenologie?* In *Wissenschaft/Volksbildung, Wissenschaftliche Beilage zur Neuen Pfälzischen Landes Zeitung,* n. 5, 15 de maio 1924; tr.it. de A.M. Pezzella, em E. Stein, *La ricerca della verità. Dalla fenomenologia alla filosofia cristiana*, organizado por A. Ales Bello, Città Nuova, Roma 1997, p.60).

a uma banal atitude acrítica. Aonde terminou o idealismo platônico na sua contraposição ao realismo aristotélico? Ou, então, o contraste entre Tomás e Agostinho? Entre Fichte e Espinoza, Hegel e Maritain? Seria apenas um jogo de palavras?

Vamos escavar mais em profundidade.

Para tanto, inicio com um texto de Husserl, acusado de idealismo já dentro de sua própria escola. Na fase madura de seu pensamento ele assim se exprime a propósito da definição de fenomenologia como idealismo transcendental, que ele propôs desde a primeira elaboração do método. Trata-se, em sua opinião, de um modo novo de entender o termo idealismo e procede por exclusões. Não se trata de um idealismo em sentido psicológico, nem em sentido gnosiológico, isto é, que pretenda "deduzir o mundo como algo plenamente dotado de sentido a partir dos dados sensíveis carentes de sentido". Nem de um idealismo de tipo kantiano que crê na hipótese de se admitir de modo indeterminado, pelo menos como conceito limite, um mundo de "coisas em si" [3]. Nem também de um idealismo que pretenda fundar-se em uma série de argumentações em polêmica com o realismo. Mas o que é o realismo para Husserl?

Para responder a tal questão é oportuno fazer referência a outro texto das *Meditações cartesianas* no qual se fala de "realismo transcendental". O texto encontra-se na "Quinta meditação" e o argumento conecta-se com a presença dos outros "eu" e com a transcendência deles em relação a mim mesmo, e com o fato de que eles não se reduzem a meras representações e a meros objetos representados, mas são existentes em si mesmos. Husserl se pergunta: como justificar tudo isso do ponto de vista

[3] E. Husserl. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge,* Hrsg. und eingeleitet von S. Strasser. Nachdruck der 2. Verb. Auflage. 1991. Husserliana, p. 121; tr. it. di Filippo Costa, *Meditazioni cartesiane* e *i Discorsi parigini,* Bompiani, Milano, 1960, p. 135. De agora em diante *Meditazioni Cartesiane.*

da investigação fenomenológica que se auto define como "idealismo transcendental", sem trair a sua efetiva transcendência?[4]. Realismo, então, significa reconhecimento de um mundo objetivo, em si, formado pelas coisas e pelos outros. Todavia, indo mais fundo, o problema é o seguinte: *este mundo objetivo, em si, deve ser pressuposto ou deve ser justificado na sua gênese; em outras palavras, por que e como nos referimos a ele e dele falamos?* A doutrina do "realismo ingênuo" pressupõe este mundo em si. Husserl não está convencido da validade desta pressuposição; aliás, pretende "justificá-la", isto é, captar as raízes da afirmação relativa à existência de um mundo em si.

Por que me refiro emblematicamente a Husserl para enfrentar a questão da relação entre idealismo e realismo? Porque vislumbro nas suas análises um possível esclarecimento teorético da relação entre estas duas posições; todavia, pode-se perguntar se tal esclarecimento seja suficiente para resolver o conflito, ou se o conflito esteja destinado a permanecer como tal. É ele, afinal, solucionável?

Mediante as leituras das obras husserlianas pode-se demonstrar que ele não é idealista no sentido em que prevalentemente se usa esta definição. Mas, então, seria ele realista, sempre segundo a definição corrente? *Creio possível demonstrar que ele é um "realista transcendental" usando necessariamente os termos consolidados por uma longa tradição porque é difícil inventar uma nova terminologia. De certo, "realismo transcendental" é uma expressão que contrasta com a de idealismo transcendental que ele propõe, mas considero que seja a que melhor se adapte ao procedimento e aos resultados das suas análises.*

Pode-se perguntar se, com isso, não tenhamos escolhido mais uma vez um dos dois polos do dilema e, tudo somado, não

[4] Op.cit. tr.it. p. 140.

tenhamos continuado nele, ou então, se tenhamos indicado uma possível superação do conflito, mostrando que os dois polos nada mais seriam do que a absolutização de aspectos coligados, procedendo, portanto, na contramão do que vem sendo tradicionalmente indicado. Em outros termos, devemos apenas contentar-nos em compreender sempre melhor as razões de tal conflito, e Husserl pode nos ajudar nessa empreitada, ou é possível encontrar uma terceira via que possibilite esclarecê-lo e superá-lo?

Na realidade, trata-se de reexaminar a relação entre o ser humano e o real a partir da gênese desta relação. Creio ser esta contribuição que Husserl deu à história da filosofia, porquanto desvendou as teorizações já cristalizadas convidando-nos a recomeçar desde o início.

Quero só indicar que a chave para percorrer uma terceira via que dê razão das outras duas e faça compreender o sentido delas, advém da relação que Husserl estabelece entre a esfera passiva e a ativa da nossa consciência e este será o tema fundamental da presente investigação. Para enfrentar, então, a questão que nos interessa, é necessário iniciar pela teoria do conhecimento *(Erkenntnistheorie)* como, por outro lado, já o fizeram todos os filósofos da tradição ocidental, inclusive Heráclito e Parmênides.

Na história da filosofia sublinhou-se preferencialmente o resultado da busca, o *logos*, o tema do devir, a questão do Ser imutável, porque aos seres humanos interessa *o que foi dito* e amiúde se descuida de examinar a via pela qual *algo foi dito*. Aquilo que Husserl chama de idealismo transcendental outra coisa não é senão a investigação sobre a função do sujeito que realiza a busca, papel que não pode ser ignorado, e que os maiores filósofos não ignoraram; aliás, sempre o colocaram em primeiro plano, ainda que nem sempre o tenhamos notado atraídos mais pelo objeto conquistado do que pelo caminho percorrido para alcançá-lo.

No que vai seguir, gostaria de fixar a atenção sobre a correlação entre o caminho e o resultado, porque creio que seja um ponto fundamental para perscrutar a modalidade da constituição da relação entre o ser humano e a realidade.

Dado que todos os filósofos sempre sublinharam que não se trata de aceitar as coisas assim como se dão, mas de mudar de atitude, de passar de uma consciência ingênua, natural, para a *episteme,* consoante à indicação de Aristóteles, *trata-se de questionar a atitude natural.* O primeiro passo, então, consiste em perceber a necessidade de realizar esta operação, de aprofundar o sentido da nova atitude, que se define como filosófica, para depois proceder à indagação de como seria possível chegar a captar "o sentido das coisas".